



Aspectos da guerra—Um posto de observação inglez nas linhas de Flandres

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . .	1\$200
» » (3 mezes) . .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

**Bordados
Schweizer**

directamente da Suíça,
franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo a nossa collecção contendo 80 figurinos novos com amostras bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suíço.

Esta collecção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, meninas e meninos em cambráia, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc. e sobre sedas novidades desde frs. 3.25. Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa collecção das ultimas novidades em estofos de seda para vestidos e blusas: Crêpe, Duchesse, Tafetás, Foulards, etc., cambráia suíça 120 cm de largura desde frs. 1.35 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta collecção é igualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Saia bordada em cambráia nº 1055
A saia inteira contem
Disponivel nas seguintes cores:
Preço da saia inteira Frs. 13.80
franco de porte
Schweizer & Co.
Lucerna, Suíça

Schweizer & Co. Lucerne, 82 (Suíça).

Rol da desobriga

Na administração dos ECHOS DO MINHO -- BRAGA, está á venda papel para o rol da desobriga.

Collegio Lyceu Português FIGUEIRA DA FOZ

DIRECTOR, *José Luiz Mendes Pinheiro*

Situação esplendida.—Magnificas installações construidas expressamente para o fim a que se destinam.
Cursos completos de instrucção primaria e secundaria.
Professores estrangeiros para a ensino das linguas.
Educação moderna completa sob todos os pontos de vista.

Enviám-se promptamente programmas e quaesquer esclarecimentos a quem os pedir ao director.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 12 de junho de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 102 — Anno II



ESPAÑA—Porta principal da egreja de S. João Baptista, de Aranda del Duero (Burgos)

Chronica da Semana



UM DISCURSO

O ultimo e recente discurso de Vasquez de Mella no theatro da Zarzuela, em Madrid, sobre a attitudo da Hespanha perante a guerra europeia não causou sómente sensação no reino visinho. As ideias do orador provocaram tambem os commentarios portuguezes e já ahi andam as gazetas defensoras da situação creada pelo 14 de maio a insinuar que Affonso XIII e o seu povo desejam repetir a historica e torva pagina da dominação philipina. Dá-se até o estranho caso de prégar patriotismo agora a mesma imprensa que o caso Leandro não revoltou...

Mella ácerca da questão ibérica, tem ideias com que não é possível concordarmos. Na sua *federacion peninsular* Portugal occupa realmente um posto subalterno. Para a Hespanha, segundo o grande orador jaimista, a *federacion* é uma compensação da perda de 1640, e o seu pensamento, ao percorrer a grandeza da velha Castella, não occulta que a independencia portugueza foi um rude golpe para ella. Portugal livre, no fundo, é o facto consumado que é forçoso reconhecer, mas não convence.

Eu bem sei que uma grande parte da opinião hespanhola pensa hoje como o grande caudilho do tradicionalismo. Mas este mesmo facto constitui um perigo que os homens publicos hespanhoes devem evitar a todo o custo, porque sendo justo, como hypothese, o seu ideal de uma acção internacional luso-hespanhola, para o entendimento que a estabeleceria aquella corrente ibérica e anti-portugueza da grande massa é um obstaculo que a nossa susceptibilidade de filhos de Portugal não logra dominar.

A palavra *federação* traduz impressivamente aquella perigo. Mella foi infeliz ao pronuncia-la, ao elege-la como significado do seu pensar que — vê-se bem — pairava mais

acima das ambições imperialistas da sua raça valorosa e ardente.

Nós os portuguezes, já hoje não podemos desligar aquella palavra... do banquete de Badajoz, cujos convivas (um d'elles o actual ministro d'instrucção, Magalhães Lima) ousaram dizer que afinal, desde o Mediterraneo ao Atlantico, eramos todos hespanhoes. E este conceito offende-nos.

E nós, eu pelo menos, lamentamos que Vasquez de Mella não desse por isso, arrebatado pela fogosidade da sua eloquencia assombrosa, em que as ideias e as palavras cahem como torrentes de oiro. Mais habeis, mais politicos talvez, os outros homens publicos da Hespanha viram por certo que a palavra *federação* tem um significado que não

corresponde áquillo que a logica e o interesse politico externo das nações perinsulares reclamam se faça, perante o desenrolar da crise europeia, e substituíram a palavra perigosa pelo termo francez *entente*.

Posta assim a questão, já todos a podemos encarar sem receios e quasi sympathisar com a solução que para ella é indicada: — Portugal e Hespanha, nações independentes, com autonomias bem distinctas que não podem ser quebradas nem desrespeitadas, unindo-se por meio de uma *entente* para uma acção externa, commum nos fins, parallelamente executada, dando ao mundo a impressão de que a peninsula retomava um ascendente politico-internacional a que as posições geographicas — Portugal sobre o Atlantico e a America, a Hespanha sobre o Mediterraneo e o mar da Gasconha — além dos seus passados brilhantissimos, dão pleno direito.

Mas... ha objecções a fazer. Não as dicta já a nossa susceptibilidade, senão a propria justiça que deve reger os contractos leaes. Não as levanta mesmo a necessidade evidente de sahirmos da orbita da Inglaterra, porque, como disse Oliveira Martins, não passamos, desde que o oiro do Brazil nos desvairou, d'uma feitoria d'ella e só quem portuguez não fôr, aceitará semelhante subalternisação para a sua terra, cujo interesse e cuja historia provam claro o errada caminho em que andamos.

Os obstaculos são outros. Oppõe-os a nossa pobreza de fidaigos, a nossa decadencia de povo que vive não para ter um exercito, mas para dar a quem lhe roubou o melhor do patrimonio, as poucas armas que comprou. Oppõe-os a nossa desvalorisação economica, filha do funesto erro de repartirmos por estomagos estrangeiros aquillo que para nós faz tanta falta. Oppõe-os a nossa anarchia politica...

Entrarmos n'uma *entente*? De accordo. Mas amanhã, quando uma divergencia de propositos se levantasse... nós fallariamos da nossa passada gloria que é o supremo argumento da nossa independencia e a razão do nosso futuro, — emquanto a Hespanha nos responderia muito simplesmente, mandando reforçar as suas guarnições da fronteira. A *entente* seria afinal o vilipendio.

... E' verdade! Já se falla na fundação da terceira Republica, com reedição d'aquelles quadros de sangue que ha um mez enodoaram a nossa vida. Seremos nós incorrigiveis?!

A *entente* não poderá fazer-se por emquanto, snr. Mella; vamos vêr a terceira metamorphose...

F. V.



Recordação do Mez de Maria

*O mez é findo em que a teus pés, Maria,
Por entre as luzes, multidão de flôres
Cobre teu throno de maviosas côes,
Inunda o ar de aroma que inebria.*

*O mez é findo em que vem dia a dia
Buscar o teu auxilio os peccadores,
Dizer-te suas maguas, suas dôres,
Contar-te seu prazer, sua alegria.*

*A todos abençoa, Mãe piedosa!
Attende pressurosa a tua grei,
Ensina a santa lei aos filhos teus.*

*Protege a infancia pobre e desvalida.
Dá-lhe amparo e guarida. O braço estende
E do p'riço a defende, Mãe de Deus!*

ELVIRA NEVES PEREIRA.

Casa das bençãos

(À Exc.^{ma} Snr.^a Viscondessa do Peso de Melgaço)

*Velho e nobre Solar! não és apenas
Morada de almas santas, todos graça:
E's o refugio certo onde a Desgraça
Consolo vae buscar p'ra as suas penas.*

*Na aldeia que te mira, e que te abraça
Com suas casas lobregas, pequenas,
Quanta miseria, ai! quanta dôr se passa!
—Canseiras, fome, almas sem luz, gangrenas...*

*Mas eis que abres as portas, amostrando
Lá dentro pão, sorrisos, claridade:
E os Tristes, menos tristes, vão entrando...*

*—Com quanto amor, oh Casa, eu te contemplo!
Habita em ti Jesus, p'la Caridade:
E assim de Deus, nem sei se és lar se és templo.*

Paredes de Coura.

TEIXEIRA PINTO.

VIDA INTENSA

RECORDANDO



MANHECE, acôrdo no mar, vasto, immenso, borbulhante d'espuma doirada pelo sol, que timidamente balbucia a estrophe ardente, da sua epopeia de luz. Mar tropeiro, soluçante, cantador de balladas tristes, de wagnerianas harmonias. Rythmos d'ondas mansas quebram o silencio immenso, mortal. O Mar é deserto... Nem a aza panda d'uma vella nem a mancha suspensa d'uma gaivota! Nada! Nuvens, ondas, ondulam, variam de côr, d'aspecto e vastas, incomprehendidas no seu profundo mysterio, remechem-se languidamente em flócos d'espuma, branca, vazada, como uma renda leve.

Aqui é a côr verde, que esperancea e anima; alem o negro plumbeo, que desespera! Quanta paixão encerras — ancias insatisfeitas, crimes, heroismos, paixões — discreto confidente do mundo?!... Mar das velhas frofás, com abordagens corsarias, sonhos de gloria, pirataria de bravura, arreperos de vencido!... Mar dos monstros de guerra, semeando odios e ballas, dos transatlanticos com *dandys* e mundanas, harmonias preversas de Schuman. Subo ao convez, repleto já, cruzado de *Miss* loiras, d'homens vermelhuços, fortes em costumes de flanela, alheios da paisagem, do mar, atarefados no *sport*.

Passam mulheres lindas, chalreiras, creanças alegres garrulam em correrias e, d'espaco a espaco, apitos cortantes de commando quebram o silencio monotono do mar.

Da prôa vêm canções, lamentos, d'essa amalgama de corpos e de paixões, de descrenças, sonhos, odios, aureolados d'ancia, de desespero, de febre — povo de todas as raças e de todas as especies, miseravel em montão, promiscuo!

O barco segue triumphante, cortando salgadas ondas, que á sua passagem descobrem galantemente a sua grenha d'espuma, como saudando o velho conhecido. Agora o mar semelha um immenso lago, silencioso, dormente, estremunhando só de quando em vez, com o resfolegar possante dos pulmões das machinas.

Além, quasi na pôpa, uma polaca triste, estendida no *roching-kair*, lacremeja saudosa. Indifferente nada vê do que a rodeia; pensa, sonha, no amor, que deixou no canto amigo do seu paiz e uma tosse secca, faz a pontuação aguda dos estremecimentos e dos soluços. A' porta do *Bar*, uma ingleza velha — ruina cuidada d'uma belleza ida — ri frivola, alegre, entre uma cigarrilha doirada e um *flirt* malicioso. Revejo longe a minha aldeia, as minhas arvores, as pombas do meu conhecimento e os rios da minha ternura, os meus livros, o meu passado, a minha vida!... Como n'um sonho, vou animatographando os primeiros sonhos, as primeiras illusões...

A solidão opprime, a alma murmura saudade, a bocca pronuncia saudade e com saudades no coração, vivo e lembro atravez do mar tropeiro, que só saudades me desperta e só saudades me sabe dizer...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



Releto Jar

Costumes do Alto Minho



CASTRO LABOREIRO—Um grupo de fieis esperando a hora da sahida do «Clamor»



O desfile do cortejo religioso atravez da montanha

(Clichés da Photographia Belleza)



PULSO FIRME



na historia de França poucos episodios tão populares como o da bateria dos homens *sans peur*, que Bonaparte, quando era capitão de artilharia, estabeleceu, em dezembro de 1793, em frente de Toulon occupada pelos inglezes e que foi o trampolim da sua gloria. Enquanto todos os chefes do exercito republicano punham cerco á cidade, hesitavam e discutiam, em vez de adoptar uma tactica racional, Bonaparte, sem au-

tanto com a republica como aquella. Desde os primeiros tumultos reinou sem freio um bando, quotidianamente augmentado, de operarios do arsenal, de marinheiros desertores, homens do povo, moços, magarefes ferradores, ladrões, rebocando a massa de aventureiros que vão atraz de qualquer desordem: lojistas fallidos, padres renegados, notarios sem clientella. Declararam guerra á auctoridade maritima: o chefe d'esta horda turbulenta é um homem sem escrupulos: Silvestre, orador de pulmões infatigaveis, vencedor da Bastilha, heroe de 10 de agosto, enviado para o Var pelos jacobinos de Paris. No seu cortejo habitual figuram Paulo, um rendeiro afamado pelos calotes e pelas gantunices, o cabelleireiro Lambert, o trapeiro Fi-



BRAGA—Alumnos do 7.º anno (Lettras e Sciencias) do Lyceu Central Sá de Miranda

(Cliché da Photographia Alliança)

toridade, sem prestigio, triumphou unicamente pela sua tenacidade da impericia dos conventionaes encarregados de dirigir as operações do cerco, e á força de repetir, apontando para o forte Mulgrave, onde se tinham fortificado os inimigos; «A chave de Toulon está alli!», elle conseguiu impor a sua opinião aos homens sem fino dos quaes dependia. A chave de Toulon estava alli com effeito, e a manobra de Bonaparte entregou á republica o grande porto de guerra mediterraneo.

Todas estas coisas são muito conhecidas. O que se conhece menos — porque a resplandecente aurora de Napoleão fascinou de tal forma a historia que esta quasi não viu outra, — é o que se passava em Toulon n'aquellas horas tragicas. Nenhuma cidade de França soffrera

gon, o caceteiro Monteil e o verdugo da cidade Lomaille, por alcunha o Beau-Soleil.

Todos teem no seu programma a rapinagem das casas ricas e a amputação das cabeças dos aristocratas.

Não se passa uma semana sem que haja uma rixa ou um assassinio; durante a noite rufa o tambor, e desfiles ameaçadores passam nas ruas; assassinos com os braços vermelhos e as facas nuas, mulheres gritando, marinheiros amotinados, «cidadãos forçados» libertos das galés. E' um espectáculo vulgar vêr-se pendurado na corda dos lampeões um corpo humano, esquartejado ás cutiladas; em redor das victimas bailam-se danças selvagens. A municipalidade cumplice pactua com os bandidos; a guarda nacional, intimidada, protege os morticinios, os offi-

ciaes de terra e mar, tornados serviçaes passivos da revolução, emprestam as espadas aos carrascos. Na cidade aterrorizada ha uma perpetua visão de tumulto, um pesadello de carnificina triumphante. E não ha nenhuma esperança de salvação.

Não subsiste nenhuma auctoridade: o major general de Rochemares foi enforcado; o almirante d'Argenson, commandante da esquadra, foi trucidado. A' embriaguez da insubordinação attingiu as tripulações dos navios ancorados: a do *Ephigenie* obriga o seu commandante a desarmar; as da *Melpomene* e da *Minerva* recusam apparellhar. Cada um dos navios tem a bordo varios clubs; o do castello de prôa, o do castello de pôpa, o club da bateria. . . A convenção nacional enviou dois dos seus membros, dois regicidas, Pedro Baille e Beauvais-Préaux, para restabelecer a ordem; mas quer fosse por temor quer por incapacidade, tambem estes se submeteram aos facinoras do club, e Toulon entregue á anar-

Um homem, um unico homem, resolveu pôr termo a esta ignominiosa tyrannia. Era um pobre "correiro", sem auctoridade e sem influencia; chamava-se João Baptista Roux. Do fundo da sua lojinha, indignava-se por ver chapinhar na lama e no sangue aquella Revolução que elle, como quasi toda a França, acclamara os primeiros passos. Um dia—12 de julho de 1793—como os terroristas, com o sabre na mão, o punhal nos dentes, e a corda para enforcar enrolada em volta dos rins, acabavam de percorrer uma vez mais a cidade vociferando ameaças de morte, Roux sahiu da sua loja, deslizou pelas ruas que a rebelião visitara, bateu ás portas, entrou em casa d'aquelles que elle sabia que eram inimigos da desordem, reconfortou-os um apoz outro, communicou-lhes a sua patriotica colera



BRAGA — O Senhor Arcebispo Primaz, acompanhado dos snrs. José Antonio d'Araujo Barbosa e general da divisão, á sahida do Asylo de Mendicidade Conde de Agrolongo depois da inauguração da Crèche fundada pela benemerita Associação Catholica

chia, tranzido de medo, expirando já, só espera a hora imminente do roubo annunciado e da chacina geral, Oscar Havard, que emprehendeu escrever a historia da Revolução nos portos de guerra francezes, esboçou um quadro surpreendente d'esta terrivel anarchia e quando se lê constata-se uma vez mais como era facil, n'esses tempos de terror, a uma dezena de bandidos, subjugar toda a população d'uma grande cidade e reduzi-la ao silencio.

e pediu-lhes para se reunirem, n'essa mesma noite, na capella dos Franciscanos, n'um arrabalde em frente das muralhas. Ousaram ir alli: reuniu-se ahi uma multidão. Roux tomou a palavra; n'algumas phrases claras, com um tom de energia communicativa, participou aos timidos que as suas casas tinham sido já marcadas com uma cruz vermelha e que se elles adormeciam na sua covarde resiguação, não podiam contar com o dia seguinte. A assistencia agita-



O snr. Americo Jacob dos Anjos Pires
1.º sargento de infantaria

inventor do espia-binoculo, curiosissimo aparelho destinado a prestar optimos serviços em campanha e que já obteve a aprovação no ministerio da guerra

se, applaude, afogueia-se; elle não a deixa esfriar, arrasta-a para a Camara; Roux e os menos poltrões que o seguem installam-se ahi como senhores; mandam tocar a unir e tocar a rebate: a milicia urbana soccorre; os «pês frescos», exasperados a principio por este golpe de Estado, pasmam, dispersam-se, algumas canceladas bastaram para os fazer retroceder para as suas baiucas onde se fecham atterrados por sua vez e subitamente com o juizo no seu lugar. Ah! tudo isto não durou muito tempo!

No dia seguinte Roux annunciava solemnemente o regresso de Toulon á fidelidade monarchica, proclamava Luiz XVII e mandava arvorar, sobre todos os edificios, a bandeira branca com flôres de lis. Formava em seguida uma junta geral de governo, composto de cidadãos honestos e de officiaes de marinha; os oito principaes terroristas tinham sido aferrolhados e entregues á justiça; prenderam-se os dois convencionaes, Beauvais e Baille, que se suicidou na sua cellula, e Tou-



observando abrigado por uma pequena rocha

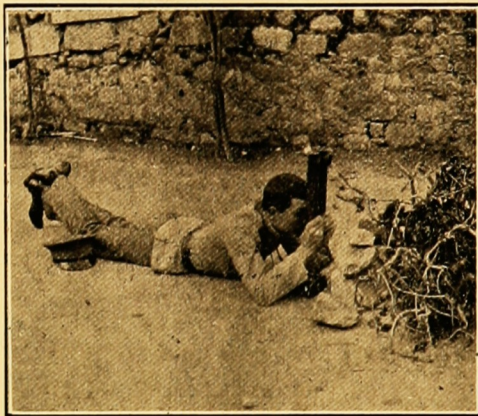


lon, livre da oppressão do medo, pode esperar finalmente que as suas desgraças tivessem terminado.

Mas apenas tinham começado. A junta geral e Roux, que era a alma de tudo, em breve tempo bloqueados na cidade por um exercito republicano, commetteu a falta imperdoavel de acceitar o auxilio dos inglezes cujos navios cruzavam á entrada da barra e que apenas esperavam uma ocasião para se apoderar do porto militar. Oscar Havard, que não occulta os seus sentimentos anti-revolucionarios, expõe todas as minucias de esta capitulação; descreve as precauções com que se estipulou que os estrangeiros se apoderassem da cidade em nome do rei de França e para elle; prova que para os habitantes de Toulon era aquella a unica maneira de proseguir e de levar a bom fim a luta temerariamente emprehendida contra o odioso despotismo jacobino; cita mesmo exemplos de intervenções semelhantes provocadas, sem deshonra, em muitas circunstancias, por populações opprimidas. (*Historia da Revolução nos portos de guerra. I. Toulon, por Oscar Havard*).



Fazendo observações com o espia-binoculo por detraz d'uma trincheira



Sendo o terreno plano e não havendo abrigo para a vedeta esta improvisa um obstaculo que a encobre das vistas do inimigo

ve, o almirante inglez, que occupava a cidade em nome de Luiz XVII, tratou de fugir para salvar de uma destruição total a esquadra do rei Jorge, pela qual tomava muito mais interesse do que por nenhum delphim do Templo.

A noite de 18 para 19 de dezembro foi, para os moradores de Toulon, uma noite de terror. A população inteira, temendo as represalias da Convenção, accumulou-se no caes, resolvida a abandonar os seus lares, e reclamando em altos gritos um refugio nos navios estrangeiros. O almirante jurou que salvaria toda a gente; mas prolongou, como se isso o deleitasse, a agonia dos fugitivos. Ajoelhada nas pedras, a multidão canta n'um lamento o *Parce Domine!* As bombas reventam n'esta desordem desvairada. Escaleres, botes e tartanas apinhadas de gente alcançam com difficuldade o canal da Vieille-Darse; alguns barcos voltam-se. Ao amanhecer, mais de vinte mil pessoas, desfiguradas, extenuadas, sollicitam em confusão um abrigo nos navios inglezes. Mas as ordens são implacaveis. Nenhuma fragata do rei Jorge consente em recolher um só d'estes desesperados.



O official encarregado d'um reconhecimento, não tendo outro abrigo senão uma arvore, atraz do seu tronco continua a observar o que se passa na sua frente

E para augmentar a sua angustia, a luz da manhã faz scintillar, nas partes mais altas que dominam a cidade, as tres côres republicanas, proclamando ao mesmo tempo a catastrophe de Toulon, a hecatombe inevitavel e a felonias dos inglezes. Poucos compromettidos, d'entre tantos, conseguem abrandar a brutal determinação e subir para o navio do almirante que, desprezando a turba supplicante, se taz ao largo. Leva oito embarcações francezas, depois de ter destruido aquellas que não pôde capturar e de ter incendiado o arsenal. O espectáculo d'este immenso desastre é tão terrivel, que contemplando-o do alto do seu reduto, os homens *sans peur* tremem.

*

* * *

Os francezes entram na cidade no mesmo dia; os convencionaes, apenas installados na Casa communal, decretam o morticinio em massa: toda a população tem que se agrupar



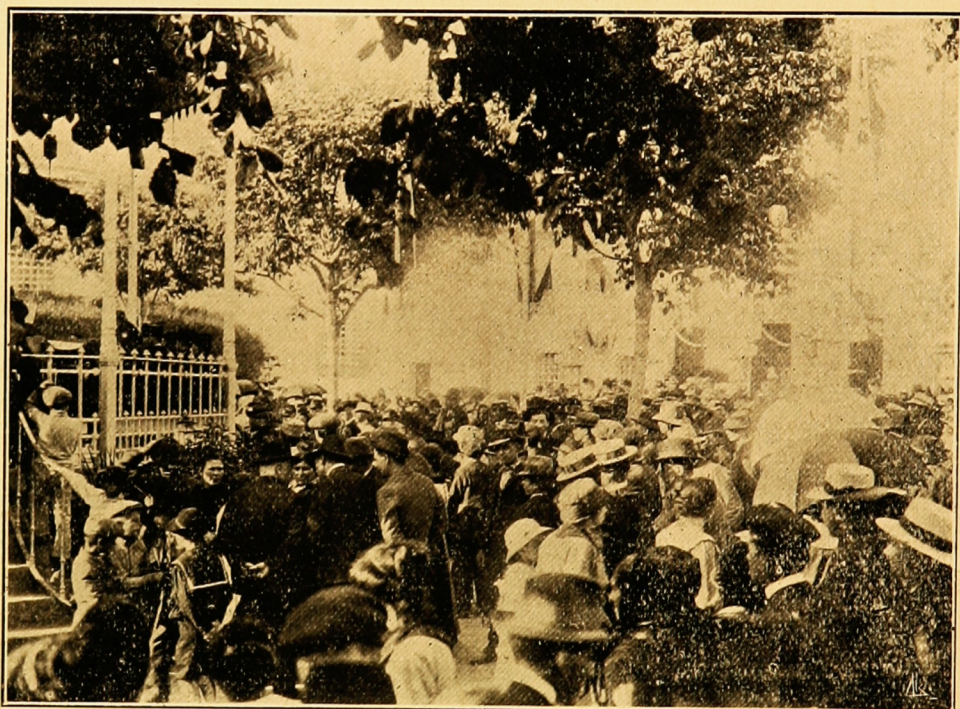
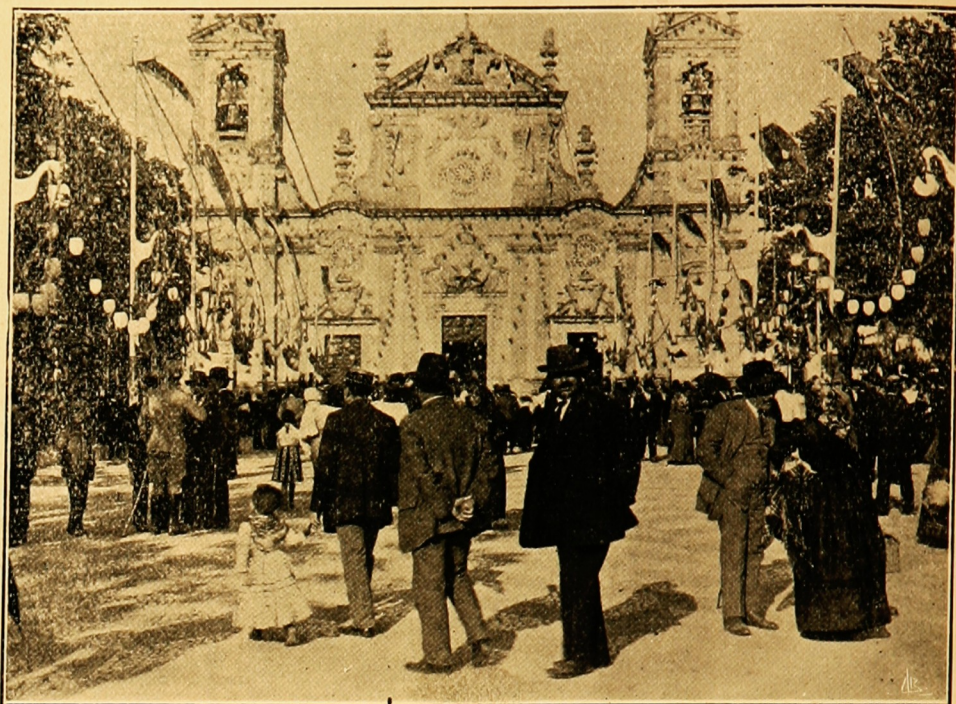
Abrigado pelo matto e por uma elevação de terreno examina a estrada e o terreno adjacente

no campo de Marte, e passando-a em revista os representantes dizem-n'a. As execuções prolongam-se durante muitos dias. Duzentos fuzilados no dia 20, duzentos no dia 22, quatrocentos no dia 24, oitocentos no dia 5 de janeiro... e não se sabe bem tudo! Entre o numero dos mortos accumulados, abandonados alli durante uma noite inteira, alguns respiram ainda. Um d'estes feridos é o filho de João Baptista Roux.



Para melhor apreciar os movimentos do inimigo, lá ao longe, o observador adapta-lhe o seu binoculo

Quando volta a si, vê na planície sinistra, sombras que se agitam; são ladrões de cadáveres. Approxima-se uma patrulha; os bandidos fogem. Como não ouve mais nada, o ferido levanta-se, procura orientar-se a través do horrendo cemiterio. Uma voz geme a alguns passos d'elle; olha: um homem nú e coberto de sangue, apoiado n'uma das mãos, esforça-se por se livrar dos cadáveres que o rodeiam. O joven Roux approxima-se e reconhece seu pae. Os dois moribundos auxiliam-se mutuamente, arrastam-se até á



MATTOSINHOS — A igreja do Senhor de Mattosinhos no dia da festa do Espirito Sauto.

2. No arraial—O povo apreciando alguns trechos de musica,

3. Um aspecto do arraial.



extremidade do funebre campo, galgam os muros e alcançam o campo onde encontram um abrigo que os salva.

Não se sabe onde se escondeu durante o Imperio João Baptista Roux, que teve o singular privilegio de ser o «primeiro vencido de Napoleão». Calcula-se que deva ter seguido com bastante pezar a carreira rapidamente ascendente do seu adversario. Reappareceu na Restauração; os seus concidadãos não lhe conservavam rancor pelo cyclone de ferro e de fogo que



desencadeara sobre a cidade, porque o tratavam com deferencia. Roux era celebre, e mostravam-n'o, como uma curiosidade, aos visitantes de alta cathegoria. Foi assim que elle foi apresentado á futura duqueza de Berry, quando da sua chegada a França. Ella escreveu a seu noivo: "Vi com prazer o valente Rousse (*sic*), o unico que fez reconhecer Luiz XVII e que continúa por meio de uma absoluta e desinteressada dedicaçao a tornar-se util ao seu paiz e ao seu rei". Em 1817, Luiz XVIII concedeu a este sobrevivente dos grandes desastres a ordem de S. Miguel; mas estava escripto que o Masaniello de Toulon não ostentaria esta insignia de honra; morreu alguns dias antes da chegada da ordem régia que o condecorava.

Pelo extracto.

EDUARDO DE NORONHA.



MATTOSINHOS — O mercado da louça

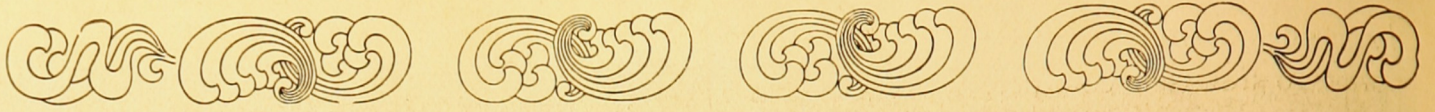
(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

A coragem degenera em temeridade, a sciencia em presumpção, a constancia em pertinacia, a doçura em molleza, a prudencia em pusillanidade, o zelo em fanatismo. A piedade filial não conduz senão á piedade filial.



SANTO THYRSO — A festa do Espirito Santo em S. Mamede do Coronado

A imponente procissão na qual tomaram parte numerosas creanças que n'esse dia receberam a primeira communhão



S. MAMEDE DO CORONADO — Outro aspecto da procissão



*Grupo de meninos e meninas da primeira comunhão e catechistas juntas do seu parcho
o rev. Joaquim de Sousa Ferreira da Silva*



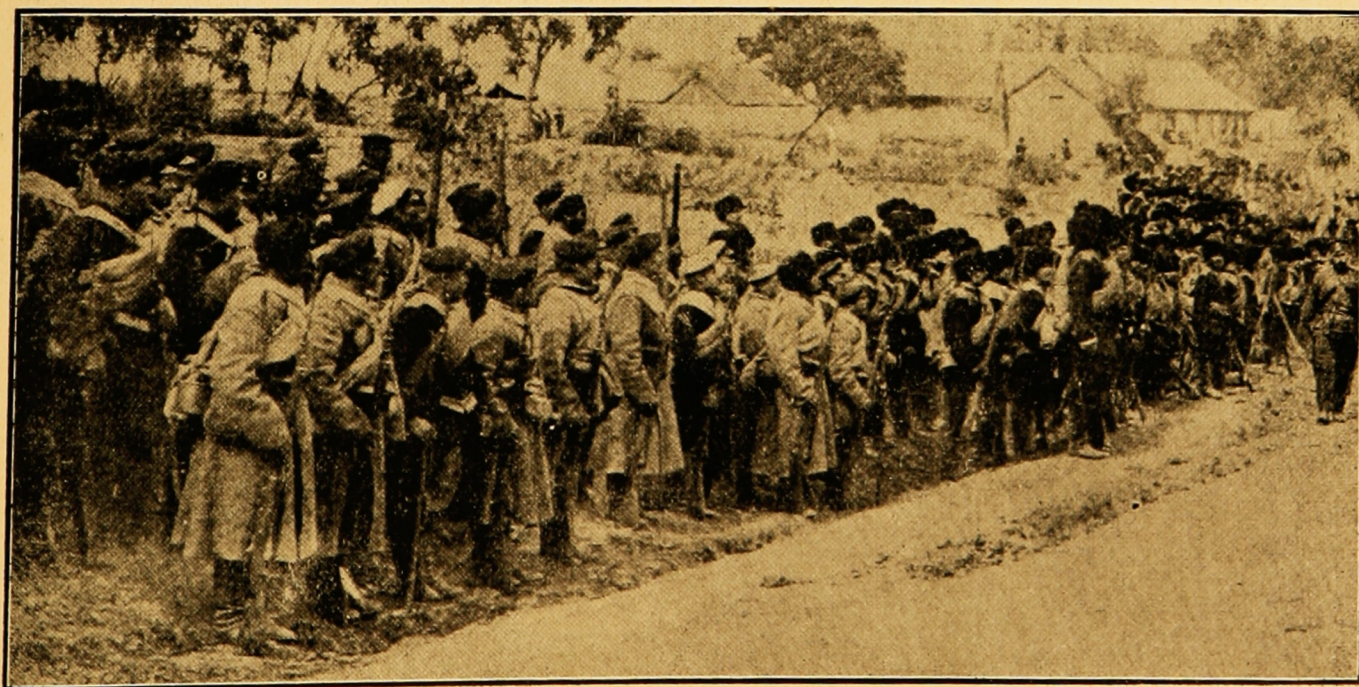


S. MAMEDE DE CORONADO— *Chegada da procissão á capellinha do Espirito Santo*

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)



A Guerra Europeia



Forças de infantaria russa concentradas na Galitzia

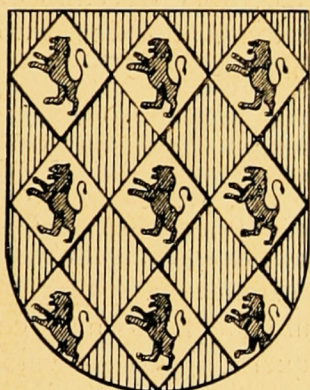


Entre os Carpathos e a Russia Oriental - Luctando no lôdo

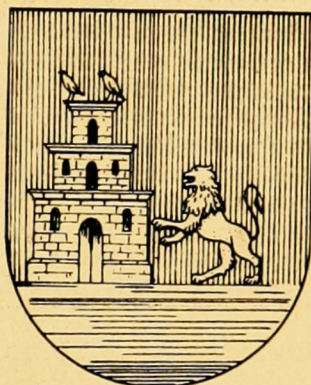


ARMARIA PORTUGUEZA

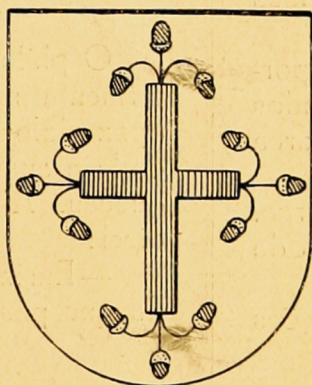
Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal



Britos. — Em campo vermelho nove lisonjas, em tres palas, e em cada uma um leão de purpura.
Timbre: o leão das armas com uma lisonja de prata.



Bravos. — Em campo vermelho um leão d'ouro commettendo a porta d'um castello, e sobre este duas gralhas: o castello assente sobre um rio.



Bulhões. — Em campo de prata uma cruz vermelha guarnecida nos extremos com tres landras de ouro e verde.
Timbre: a cruz do escudo posta em aspa.



Rebello Jr

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



celebre bobo de Francisco I, Triboulet, pediu um dia ao amo que metesse na cadeia certo fidalgo que lhe havia jurado pela pelle.

—Elle que se livre de te matar. Juro-te que se tal fizer, um quarto d' hora depois será enforcado.

O bôbo não se alegrou.

—Muito bem, real senhor, já que tanta é a vossa bondade será melhor que o mandeis enforcar um quarto d' hora antes.

Felicitações hypocritas

Ricardo Cromwell, quando succedeu a seu pae no governo da Inglaterra, recebeu de todo o paiz as mais calorosas e affectuosas felicitações. Todas as corporações do reino diziam pôr á sua disposição as vidas e fazendas, mas jam conspirando contra elle.

Quando sete mezes volvidos, fez transportar seus moveis de Whittehall disse aos criados que arrastavam descuidadamente uma arca velha:

—Tratai com mais consideração essa arca, pois d'entro d'ella estão as vidas e fazendas da Inglaterra.

Na arca estavam guardadas as felicitações hypocritas.

Francisco I e os grandes d' Hespanha.

A fortuna que ao principio favorecera as armas de Francisco I, rei de França, não continuou a ser fiel ás suas bandeiras. Vencedor em Marignan, elle foi vencido em Pavia e ficou prisioneiro dos hespanhoes. Os grandes de Hespanha para que elle se inclinasse diante d'elles, fizeram diminuir a altura da porta da sua camara o que o obrigava a curvar-se para sair.

Francisco I, que percebeu o estratagema, nunca mais saiu senão recuando. De maneira que os grandes que tinham ordem de Carlos V de tirarem o chapéu apenas divisassem o illustre prisioneiro, ficaram corridos de ridiculo.

Triboulet

Quadro do dia de juizo

Um pinta-monos, mostrando ao celebre Miguel Angelo um quadro que havia feito eujas figuras eram copiadas dos quadros d' outros autores, teve só este elogio:

—O quadro é bello, porém guardai-o do dia de juizo; pois devendo cada um ir buscar o que lhe toca, não ficará no vosso painel senão o panno.

A riqueza d'um sabio

A cidade de Priène foi assaltada e tomada, os habitantes fugiram levando consigo aquillo que mais estimavam.

O philosofo Bias não carregou nem ouro nem qualquer objecto de valor, e sendo-lhe estranhado respondeu batendo na testa:

—Faço o mesmo que vós; levo comigo todas as minhas riquezas.

A melhor fazenda

O philosofo Aristipo escapou d'uma furiosa tormenta navegando no mar Egeu e aportou, apoz dolorosas privações, á ilha de Rhodes, onde a sua sabedoria em pouco tempo o enriqueceu. A' illustre cidade de Athenas mandou dizer:

—Ensinae os vossos filhos a adquirir fazenda que possa nadar nos naufragios.

Marés populares

Em premio de gloriosas façanhas os athenienses levantaram a Demetrio Phalereo estatuas nas praças publicas.

Mas como a gratidão dos povos é sol de inverno que pouco dura, tempo depois destruíram-nas. Demetrio commentou com amargura:

—Mas não poderão destruir a virtude por cuja causa m'as levantaram.

* * *

Aonde ha interesse logo se experimenta amizade—*Cassiodoro.*

Procurar ter a todos por amigos é impedimento para verdadeira amizade.—*Plutarco.*